

Economia - Brasil

Corrigindo um ex-presidente

Algumas notícias no final da semana passada nos trouxeram à memória a famosa frase do ex-presidente Medici, quando ele dizia que a economia ia bem, mas o povo andava mal. Aque-las notícias nos permitem rever e modificar a cons-ternada advertência que ele resignadamente dei-xou no seu discurso de despedida e que, infeliz-mente, tanto tem demorado para ser contraditada.

A primeira dessas notícias referia-se à infla-ção medida pela Fipe, em São Paulo, que regis-trou apenas 0,34% em agosto, a segunda taxa mais baixa desde o início do Plano Real, o que levou muitos economistas a estimar que o ano fechará com 13,5% no máximo, ou menos do que isso.

A segunda informação, no dia seguinte, nos dava conta, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), feita pelo IBGE, de que o quadro de distribuição de renda no País apresenta importante melhora, com o índice de Gini, que mede a desigualdade de renda, situan-do-se no menor nível desde 1986, a par de au-mento de 30% no rendimento médio mensal do brasileiro em comparação com 1993.

A terceira nota mostrava-nos, porém, as difi-culdades do governo central de conter seus gas-tos e de convencer os governos estaduais a entrar nos programas de ajuste fiscal.

Diríamos, portanto, corrigindo a frase de Medi-ci, que, enquanto a situação do povo e da econo-

mia melhora, hoje em dia são as finanças do setor público que não acompanham o ritmo.

É isso que está fazendo com que as tarifas pú-blicas se transformem no inimigo da estabilida-de, uma vez que, ainda segundo a Fipe, elas fo-ram responsáveis por quase metade da inflação de 8,76% acumulada no ano, e, não fosse esse fa-tor, a taxa de agosto teria revelado a primeira de-flação do período do Plano Real.

Reconheçamos que os governos, federal e de alguns estados, estão fazendo esforços meri-tórios no bom sentido de equilibrar suas fi-nanças, mas examine-mos um pouco o cená-rio oferecido pelas ten-dências positivas do desempenho da economia.

O decréscimo continuado das taxas de inflação resulta naquilo que as pesquisas estão demons-trando, ou seja, melhor distribuição da renda e elevação do nível de rendimento médio da massa da população. O que significa, sem dúvida, am-pliação paulatina do mercado interno e, portanto, novas e maiores oportunidades para investimentos privados e para os empreendimentos já existentes. Talvez isso explique também, em certo grau, as dificuldades de elevar as exportações e conter im-portações, cuja face problemática é a continua-da de dos déficits da balança comercial.

Outra consequência relevante das quedas da inflação é o aumento do poder de negociação do consumidor, dificultando cada vez mais qualquer remarcação de preços, principalmente no mercado de varejo, e com isso dinamizando a concorrência e obrigando as empresas a cuidar sistematicamen-te dos seus custos em vez de simplesmente repas-sá-los. Trata-se de um círculo virtuoso, no qual ca-da recuo de preços induz a novas quedas.

Com tudo isso, os investimentos produtivos são favorecidos, uma vez que as expectativas sobre as taxas de juros tornam-se também decrescentes, co-mo aliás já indica o mercado futuro dessas taxas. Além disso, fortalece-se a possibilidade de lança-mento de títulos de mais longo prazo, não só para alongamento da dívida interna do setor público e redução dos seus custos – como tem insistido em prever o ministro do Planejamento Antonio Kan-dir – mas, sobretudo, para gerar o “funding” de fi-nanciamentos a prazos mais longos que tanta falta fazem para as iniciativas e planos do setor privado.

O conjunto desses fatos e potencialidades, ana-lisado de maneira serena e objetiva, certamente contribui para limitar e reduzir a influência de uma característica psicossocial não desprezível que é o derrotismo e o ceticismo com que se comprazem muitos brasileiros. A melhoria da confiança no acerto da nossa economia e nas possibilidades de desenvolvimento sustentado também é um círculo virtuoso que as recentes notícias favorecem. ■